



A percepção como premissa para a construção do conhecimento

Maria Aparecida Ragalzi Ferraz ¹

Resumo: Compreender como se dá a construção do conhecimento sob a premissa da percepção-cognição é nosso objetivo neste artigo. Partimos da problemática de que o conhecimento é de fato feito pelas pessoas de acordo com as suas percepções. No entanto, essas percepções podem estar embasadas apenas nas suas experiências, na sua percepção de mundo, ficando o sujeito sustentado em seu critério subjetivo. Por meio de um estudo da teoria da percepção proposta por Meneghetti e da teoria da criação do conhecimento de Nonaka e Takeuchi, construímos um estudo teórico baseado na metodologia da pesquisa bibliográfica e análise comparativa. Por fim, compreendemos que o conhecimento inicial pertence ao indivíduo, mas precisa ter como base o único critério que permite o acesso ao real: o Em Si ôntico.

Palavras-chave: percepção; conhecimento; inconsciente; cognição; Em Si ôntico..

The perception as premise for the construction of knowledge

Abstract: Understanding how is the construction of knowledge under the premise of perception - cognition is our objective in this article. We start from the problem that knowledge is actually done by people according to their perception of the word, becoming the subject criteria. Through a study of the theory of perception proposed by Meneghetti and the creation of knowledge of Nonaka and Takeuchi, we constructed a theoretical study based on the literature and comparative analysis methodology. Finally, we understand that the initial knowledge belongs to the individual, but it must be based on the sole criterion for acesso to real: the ontic inside.

Keywords: perception; knowledge; unconscious; cognition; Ontic Itself.

¹ Graduada em Psicologia, estudante do Bacharelado em Ontopsicologia, Primeira Turma, Faculdade Antonio Meneghetti. E-mail: ragalzimaria@yahoo.com.br

1 Introdução

O processo perceptivo a princípio descreve como a realidade pode ser percebida pelo indivíduo em seus infinitos modos de reconhecimento da situação. Sendo o ponto de encontro entre a mente e mundo, entre o mundo exterior e o mundo interior, subjetivo e objetivo, o processo por meio do qual os fatos são traduzidos em consciência e o mundo é munido de forma. Diante desse contexto podemos iniciar a compreensão de que o protagonista na construção do conhecimento é o indivíduo, o sujeito.

O homem apreende a realidade a sua volta a partir dos seus modos de perceber por como e quanto percebe, dos sentidos à consciência. Todo o universo emana e recebe informações, é preciso compreender o quanto é real o seu perceber, qual o critério o ser humano usa para verificar se aquela realidade percebida está baseada em qual verdade.

Analisando etimologicamente o termo critério, segundo Meneghetti (2012, p. 69), verificamos que deriva do verbo grego *krino* que significa: “eu julgo”, do qual depois deriva também o termo latino *criterium*, ou seja, “qual regra eu uso para discernir o verdadeiro do falso”. Portanto, entendemos que critério é o princípio ou elemento que constitui o conforme a algo, a uma ação.

Para se fundar uma ciência, segundo Meneghetti há critérios de dois gêneros: o critério convencional e o critério de natureza. O critério convencional “é aquele usado em todas as ciências chamadas exatas” (estatística, matemática, física, medicina, química, etc.)” (MENEGHETTI, 2010, p. 146; MENEGHETTI, 2014). O critério de natureza “é uma medida que procede por evidência, responde a uma intenção de natureza” (ibid.). Segundo o autor, o termo evidência deriva do latim *ex vidente* – aquilo que resulta da experiência daquele que vê. É um critério elementar da vida, é vital, ou seja, tudo aquilo que é igual a ele é sadio e vital, enquanto o que é diferente é doença, sofrimento. Portanto, para chegar à verdade de alguma coisa, primeiramente é preciso ter a evidência da existência. No que o indivíduo se baseia para dizer que se conhece. Qual a percepção que tem de si e como resolve suas questões subjetivas.

Nessa perspectiva, buscamos neste artigo identificar a influência da percepção na construção do conhecimento e suas interferências no processo, visto que esta é uma etapa considerada de grande relevância na geração e evolução do conhecimento humano. Buscamos por meio da teoria da percepção (MENEGHETTI, 2010) e do processo SECI (NONAKA; TAKEUCHI, 2008), apresentados a seguir, um estudo teórico via pesquisa bibliográfica que embasa nossa investigação e esclareça nossas dúvidas acerca do tema.

2 O processo perceptivo-cognitivo

O tema da percepção, discutido desde os antigos filósofos até hoje, mantém intactas algumas indagações básicas: se ter uma percepção é captar, interpretar informações sobre o mundo, ou se é construir objetos dentro do nosso mundo.

Conforme Abbagnano (2012):

Os estóicos deram origem ao significado da palavra percepção: para eles a sensação é a percepção por meio do sensorio ou da compreensão. Para Agostinho e São Tomás de Aquino – um certo conhecimento experimental. Com Telésio e Bacon seu significado separa-se da sensação. Bérson diz: a percepção outra coisa não é senão uma seleção. Ela nada cria. Sua tarefa é eliminar do conjunto das imagens todas aquelas sobre as quais eu não teria nenhuma pretensão e depois eliminar tudo o que não interessa às necessidades dessa imagem que denomino corpo. Bolzano e Brentano enfatizaram a ação do pensamento ou do intelecto na percepção. Brentano identificava percepção e juízo ou crença. Em sentido semelhante a Husserl fazia a distinção entre a percepção e outros atos intencionais da consciência, com base em suas características de apreender o objeto. Na percepção, a coisa mesma está presente em seu ser, assim como está presente na coisa o sujeito que percebe (ABBAGNANO, 2012, p. 876).

O primeiro cientista que trouxe como pesquisa o processo perceptivo foi Charles Scyth Sherrington (1857-1952) e a definiu em três níveis. A exterocepção, abrange os cinco sentidos; a propriocepção, aborda apenas a cinestesia do corpo, seu movimento; e a interocepção, abrange os sentidos viscerais, relacionados ao equilíbrio das funções químicas do corpo. No entanto, percebemos que em nenhum momento o autor aborda o aspecto da egocepção, ou seja, reduz o sujeito da ação e desconsidera o indivíduo como ator neste processo. Assim sendo, optamos, neste artigo, pela teoria de Meneghetti (2010), por entendermos que todo nosso corpo é um aglomerado altamente organizado de informações. Ou seja, a todo instante informa e é informado.

No Dicionário de Ontopsicologia, percepção “é a atitude para receber ou captar a ação e mensurar-lhe valor. Atitude para receber e reconhecer a informação concretamente ou em símbolo. Dá-se: a) uma percepção nativa, própria do organismo e b) uma percepção convencional” (MENEGETTI, 2012, p. 210). Segundo o autor, podemos entender que a percepção nativa deriva do Em Si ôntico e a convencional é adquirida pela educação.

Na obra *Ontologia da Percepção* (MENEGETTI, 2015), esta significa “os infinitos modos de comunicação que temos com o mundo concreto; é a relação que instauramos através dos nossos cinco sentidos mais o sexto, o sentido interno” (MENEGETTI, 2015, p. 26).

Nesse sentido, compreendemos que ao percebermos alguma informação, desencadeia-se automaticamente outro processo cerebral que é o da cognição. Esta é o meio pelo qual tomamos conhecimento do mundo, a capacidade de prestarmos atenção a estímulos externos ou internos e de identificar o significado de tais estímulos, planejando respostas significativas.

No dicionário de Ontopsicologia: “do latim *cognoscere* = vir a saber, do latim *cum*, do latim = *scit actionem*, quando ou como a mente sabe a ação. Saber a ação. E consciência, do latim = *cum se scire actionem*, semelhante à definição do conhecimento, quando se sabe a ação. Saber-se com aquilo que é, conhecer conforme a ação. Portanto, é possível concluir que sabemos com aquilo que somos e somos aquilo que sabemos, porém, não saber aquilo que somos é uma responsabilidade e não um alibi, isto é, somos também responsáveis por aquilo que não sabemos (MENEGETTI, 2012, p. 57-59).

Segundo Meneghetti (2010, p. 177) o processo perceptivo-cognitivo humano pode ser sintetizado em três momentos: percepção exteroceptiva, propioceptiva e egoceptiva. A exteroceptiva é o mundo das percepções externas e internas que tocam o corpo e se baseiam nos cinco sentidos. Diz respeito a qualquer forma de sensibilidade cutânea, orgânica e visceral, enquanto permanece setorial. A propioceptiva é a percepção específica, própria do indivíduo. É um conhecimento, um modo, um calor, um frio, uma fome que lhe são próprias, que identifica o indivíduo. Coenvolve o organismo total, por isso cada setor do organismo é informado. É aqui que se dá a tomada de consciência como existente aqui e agora. Até aqui, a percepção acontece independente da vontade do indivíduo.

O terceiro momento, é a egoceptividade, o conhecimento egóico, um conhecimento que se refere ao quanto, o como e quais informações provenientes dos dois níveis anteriores alcançam o Eu do sujeito. Nesse momento o Eu é chamado a uma responsabilidade, decide ou não decide. Antes de a informação chegar à consciência, ou seja, antes dessa terceira fase, é que se faz a interferência do Monitor de Deflexão da psique. Monitor deriva do latim *moneo* que significa: que sugere, que corrige, que censura, que notifica. Deflexão deriva do latim *deflecto*, que significa: desviar, mudar estrada, dirigir-se para outro lugar. Meneghetti (2010) denomina monitor de deflexão aquele que faz uma seleção, uma hierarquização das informações, estruturando assim o superego.

Nessa perspectiva, a Escola Ontopsicológica evidenciou um mecanismo que distorce as informações do real, subtraindo a realidade da consciência do eu. Em vez de a consciência refletir o real, desvia segundo uma temática (seleção) imposta pelo monitor de deflexão. De acordo com a teoria, este é o momento que nos destituímos da nossa consciência e utilizamos conhecimentos pré-existentes para criar e evoluir novos conhecimentos.

3 A teoria da criação do conhecimento

A globalização dos mercados e os avanços tecnológicos exigem do indivíduo a criação de novos conhecimentos, que geram produtos e serviços a fim de manter sua sobrevivência num mercado competitivo, inovador e tecnológico. Nesse sentido, buscamos compreender a teoria do conhecimento por meio da criação do conhecimento, que “resulta das experiências dos seres humanos em lidar com o mundo” (NONAKA; TAKEUCHI, 2008, p. 19).

Para os autores, a essência da teoria do conhecimento reside nos quatro modos de conversão do conhecimento criado a partir da interação do conhecimento tácito com o explícito, denominados: socialização, externalização, combinação e internalização. E, explicam:

Socialização: compartilhar e criar conhecimento tácito através de experiência direta;
Externalização: articular conhecimento tácito através do diálogo e da reflexão;
Combinação: sistematizar e aplicar o conhecimento explícito e a informação.
Internalização: aprender e adquirir novo conhecimento tácito na prática (NONAKA; TAKEUCHI, 2008, p. 23).

Portanto, com base nos autores, compreendemos que o processo, ou a produção, do conhecimento pressupõe “interação contínua, dinâmica e simultânea entre o conhecimento tácito e o explícito” (NONAKA; TAKEUCHI, 2008, p. 24). Para compreendermos, visualmente, o processo e a teoria apresentamos a figura a seguir.

Figura 1: Processo SECI



Fonte: Nonaka e Takeuchi (2008, p. 59).

No modelo apresentado por Nonaka e Takeuchi o indivíduo é o criador do conhecimento, ou seja, não há conhecimento sem os indivíduos. O que ocorre no processo de interação é a amplificação do conhecimento que se cristaliza através do diálogo, discussão, compartilhar de experiência, fazer sentido ou comunidade de prática. Portanto, consideramos que a teoria do conhecimento tem intrínseco o problema de que o ato de adquirir ou explicitar o conhecimento depende da decisão de cada pessoa. Trata-se então de um processo subjetivo e, portanto, difícil de ser tratado de modo genérico.

Os autores também definem conhecimento como “a sabedoria adquirida a partir da perspectiva da personalidade como um todo” (NONAKA; TAKEUCHI 2008, p. 60). Percebemos, assim, que o processo em si não está no articular-se do método, mas na mente do indivíduo, no quanto este é capaz de captar, na sua capacidade de percepção.

E aqui retornamos à questão anterior que deu origem a este estudo: o ser humano em sua subjetividade está apto a gerar conhecimento? Para isso, retomamos nossa atenção naquele que gera o conhecimento.

4 O critério de exatidão do conhecimento

Meneghetti, fundador da Escola Ontopsicológica, resolve o problema crítico do conhecimento com a descoberta do Em Si ôntico, critério que “funda a subjetividade humana e que constitui o ser humano com identidade única” (MENEGHETTI, 2010, p. 31). O autor, elabora uma metodologia que capacita o homem de conhecer a si e a sua realidade. O Em Si ôntico é o critério que seleciona o que é útil e funcional à própria identidade, resultando em evolução para o sujeito.

Portanto, podemos considerar, segundo o autor, que se o conhecimento do homem constrói um saber fundamentado em opiniões, não constrói ciência, sendo este um problema indissolúvel para as ciências. Nesse sentido, Meneghetti (2010) afirma:

...em um correto procedimento científico, a exatidão dos resultados da pesquisa pressupõe que sejam exatos e em perfeita funcionalidade todos os instrumentos usados. Se o único instrumento de conhecimento que se refere ao homem é o próprio homem, parece evidente que, se este não for exato, ou seja, conforme ao próprio real, as conclusões serão inevitavelmente inexatas. Parece um fato óbvio, mas ninguém nunca se preocupou com isso, portanto por causa da interferência deformante [...] – o conhecimento sempre foi a projeção de um erro que compromete desde o início qualquer possibilidade de colher a verdade do homem (MENEGHETTI, 2010, p. 146).

A partir do momento em que se constata ser o homem inconsciente de si mesmo, como poderá gerar um conhecimento exato? Dada essa realidade, a única saída para o homem está em retomar o contato com o critério que seleciona aquilo que é útil e funcional à evolução do próprio indivíduo. Para isso se faz necessária uma revisão daquilo que se considera absoluto, que é a metanoia – mudança de mente, de lógica, de modos de viver.

A Ontopsicologia, através do critério do Em Si ôntico, pode dar as premissas para que cada ciência seja exata, uma vez que, sendo um critério interdisciplinar, ensina a exatidão ao pesquisador. Por isso, define-se ciência epistêmica a todas as outras. Episteme quer dizer: “raiz do saber, a causa do saber o real da lógica” (MENEGHETTI, 2012, p. 94; MENEGHETTI, 2008; 2011). Nessa premissa, é válido considerar que o pesquisador não se restringe apenas a ciência exata, independente da área do conhecimento. É, na verdade, um composto, a interlocução do explícito, teórico e científico ao tácito, que é fruto da experiência, somados a composição naturística do indivíduo, sua natureza, o Em Si ôntico.

Assim, a escola Ontopsicológica isolou o projeto base de natureza do ser humano e o definiu Em Si ôntico, o primeiro real em cada sentido da pessoa, ou seja, no homem já preexiste uma ordem pré-estabelecida, uma lei biológica, natural que governa o homem em direção a qual ele deve se dirigir. Meneghetti (2010) nessa proposta, afirma que toda ciência, deveria ter de modo claro este critério, uma vez que é o único capaz de oferecer o critério de exatidão para julgar qualquer situação.

De acordo com o autor, não se pode conhecer sem partir de quem conhece. Ao afirmar Eu conheço, quem é este Eu? O Eu é também o corpo. Por corpo entendemos o coração, o fígado, a fome, a sede, o sexo, a agressividade. Existem outras linguagens corporais que permitem ao homem conhecer sua subjetividade. Esse Eu tem uma ordem implícita, uma identidade que me faz ser mais ou regredir, a depender da capacidade de percepção, de ler a exigência do projeto que o constitui. Esta deve ser a primeira compreensão que o homem deve ter: do todo que o constitui, que o faz ser indivíduo, que o faz criar e gerar conhecimento

5 Considerações Finais

Do que se discutiu até aqui acerca da percepção e do conhecimento, temos a salientar que, se a mente do homem não avançar na compreensão de si próprio este não produz conhecimento exato. Ter a compreensão do funcionamento da percepção acerca de si mesmo diminui o desconhecimento do próprio corpo, que o faz assim, aqui e agora.

O valor de um método depende da capacidade e do raio de percepção do cientista. A competência em se perceber todas as informações traduzidas pelo corpo, como mensagens da própria alma, dá a possibilidade de formalizar a ciência do homem pelo homem (VIDOR, 2014).

A questão do conhecimento não está neste ou naquele outro método, mas no elemento operador do conhecimento: o ser humano. Este é o ponto de partida, é ele quem organiza, decide, planeja e elabora novos conhecimentos.

A proposta deste estudo foi levantar a importância do processo perceptivo-cognitivo na produção de um saber fundado na exatidão de natureza e não em convicções sociais. Quando o homem conhece a razão das coisas, o porquê do seu existir, este passa a se compreender e tem a possibilidade de administrar a própria vida com sabedoria, sabendo ler aquilo que é funcional ou não, compreendendo as informações oriundas do próprio Em Si ôntico. “Tudo aquilo que na vida é igual a mim, eu devo procurar acolher porque é a vida que quer” (MENEGETTI, 2009, p. 295). Percebemos ter atingido nosso objetivo, no entanto esperamos que o tema abordado estimule estudos futuros. Também, que possa auxiliar aos pesquisadores do conhecimento a reconhecer a necessidade de conhecer seus modos de percepção e sua importância na produção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGETTI. **Ontopsicologia ciência interdisciplinar**. Recanto Maestro, 2015.

MENEGETTI, A. **Da consciência ao ser**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGETTI, A. **Racionalidade Ontológica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGETTI, A. **Conhecimento ontológico e consciência**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, A. **Nova Fronda Virescit**. Introdução à Ontopsicologia para jovens. Vol. 1. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2008.

TAKEUCHI, H.; NONAKA, I. **Gestão do Conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

VIDOR, A. **Opinião ou Ciência**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.